

## ENTRE A VIVÊNCIA E A EXPERIÊNCIA: O RECONHECIMENTO

Por que temos tanto medo da queda? O abismo de Krenak à luz de Winnicott

Letícia Cristina Machado de Souza

*Estudante de mestrado do Programa de Pós-graduação em  
Memória Social*

E-mail [leticiamachadosouza@gmail.com](mailto:leticiamachadosouza@gmail.com)

Vinícius Ramos Rigotti

*Estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em  
Memória Social*

E-mail [viniciusrgtt@gmail.com](mailto:viniciusrgtt@gmail.com)

Francisco Ramos de Farias

*Professor do Programa de Pós-graduação em Memória Social*

E-mail [francisco.farias@unirio.br](mailto:francisco.farias@unirio.br)

### Resumo

Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak critica o conceito de Antropoceno, a ideia de que a humanidade é um ente separado da diversidade de modos de vida e da interdependência com o meio ambiente. No presente trabalho, partimos da pergunta de Krenak: *Por que tanto medo assim de uma queda (do abismo)?*, e buscamos aproximar o "medo do abismo" de Krenak com o conceito de "medo do colapso" de Donald Winnicott. Entendemos assim que ambos os conceitos indicam que o que tememos (o abismo ou o colapso) foi vivido no passado, mas não foi experienciado. À luz das elaborações de Winnicott, fazemos uma diferenciação dos termos vivência e experiência. A partir deste ponto, propomos o reconhecimento como ponte necessária - entre vivência e experiência - e condição, sem a qual, seguiremos temendo encontrar o passado na próxima esquina. Usamos o caso do golpe militar de 1964 no Brasil como exemplo. O abismo de narrativas de um lado "revolução" de outro "golpe" impede o reconhecimento, ou dito de outra forma, vivemos, mas não experienciamos. Com isso, acaba por ocorrer uma busca compulsiva por - ao mesmo tempo que um temor de - algo que já aconteceu. Assim, apontamos o reconhecimento desses "colapsos" como ponto de partida para que possamos, finalmente, aceitar o convite de Krenak e "fabricar paraquedas coloridos" e encontrar novas formas de viver e lidar com a inevitável "queda".

**Palavras-chave:** abismo, experiência, reconhecimento.

### Abstract

In his book *Ideas to Postpone the End of the World (Ideias para adiar o fim do mundo)*, Ailton Krenak criticizes the concept of the Anthropocene, the idea that humanity is a separate entity from the diversity of life and its interdependence with the environment. In the present work, we start from Krenak's question: "Why so much fear of a fall (from the abyss)?" and seek to connect Krenak's "fear of the abyss" with psychoanalyst Donald Winnicott's concept of the "fear of breakdown." We understand that both concepts indicate that what we fear (the abyss or the breakdown) was lived in the past, but not experienced. In light of the Winnicott's elaborations, we differentiate the terms "lived through" (vivência) and "experience" (experiência). From this point, we propose recognition as a necessary bridge — between lived through and experience — and a condition without which we will continue to fear finding the past around the next corner. We use the 1964 military coup in Brazil as an example. The abyss of narratives, with "revolution" on one side and "coup" on the other, hinders recognition; in other words, we have lived through it, but not experienced it. As a result, there is a compulsive search for—at the same time as a fear of—something that has already happened. Thus, we point to the recognition of these "breakdowns" as a starting point so that we can finally accept Krenak's invitation to "fabricate colorful parachutes" and find new ways to live and deal with the inevitable "fall."

**Keywords:** abyss, experience, recognition.

## Introdução

Entre a vivência e a experiência, o reconhecimento. O presente trabalho apresenta uma leitura da obra de Ailton Krenak à luz da Teoria do Desenvolvimento Maturacional de Donald Winnicott com o objetivo de aproximar o “medo do abismo” referenciado reiteradas vezes pelo líder e ativista indígena, do “medo do colapso” descrito pelo psicanalista inglês. Paul Ricoeur (2007) escreve que para justificar a aplicação de conceitos psicopatológicos à história, seria necessário demonstrar que essa abordagem não se limita a eventos isolados e excepcionais. Em vez disso, ela deveria ser aplicável a uma característica inerente e fundamental da existência humana em sociedade. A chave que o autor nos fornece é a relação intrínseca entre a história e a violência, partindo da visão de Thomas Hobbes de que a filosofia política surge do medo da morte violenta. Esse medo leva as pessoas a abandonarem o “estado de natureza” e a formarem um pacto social que, acima de tudo, busca garantir sua segurança. De fato, afirma Ricoeur (2007), não há comunidade na história que não tenha se originado de uma circunstância que, em essência, se assemelha a um estado de guerra. Dito de outra forma, o que é celebrado como eventos históricos fundamentais são, na verdade, atos de violência em algum momento legitimados por leis. Um grupo celebra enquanto o outro vive a humilhação. Essa dualidade cria feridas simbólicas na memória coletiva que procuram por cicatrização. Na letra de Krenak, cria um abismo. Um abismo que tememos, mas em que ao mesmo tempo já caímos. E se caímos, por que temos tanto medo da queda? Na primeira parte desse trabalho, apresentando uma revisão dos trechos em que a ideia de abismo/queda é mencionada em recentes trabalhos do líder indígena, mais precisamente *Ideias para Adiar o fim do mundo*, *Futuro ancestral*, *A vida não é útil* e *O amanhã não está à venda*. Tentamos dar conta de relacionar o medo do abismo com eventos violentos que aconteceram ao longo da história. Passamos assim pelo Golpe militar de 1964 e o crime ambiental referente ao rompimento da Barragem do Fundão, em Minas Gerais. Com esses eventos buscamos diferenciar vivência e experiência recorrendo a importantes conceitos como catástrofe e representação. Portanto, a já mencionada relação entre história e violência. Na segunda parte do trabalho, então, trazemos a Teoria do Desenvolvimento Maturacional de Winnicott. Para o psicanalista inglês, a psicologia social e dos grupos se trata de uma superposição da psicologia do indivíduo, por isso buscamos aproximar a ideia de medo do abismo com o medo do colapso – uma das consequências das falhas que podem ocorrer ao longo do desenvolvimento.

Para o psicanalista Winnicott, o medo do colapso é o temor de um evento que embora tenha acontecido cronologicamente no passado, permanece no presente, pois só poderá ser colocado de fato no passado quando for finalmente integrado à experiência. Dito de outra forma, o colapso foi vivido, mas não foi experienciado. Dessa forma, a pessoa vive em uma busca incessante no futuro (ao mesmo tempo que um medo) por um detalhe que ocorreu no passado. A menos que se reconheça para (e com) a pessoa esse evento como algo que já aconteceu, essa pessoa continuará a temer encontrá-lo (ao mesmo tempo que também o busca compulsivamente) no futuro. Para Krenak, seguiremos caminhando na direção do abismo, se não reconhecermos a diversidade e ressignificarmos assim a nossa existência. Ou seja, ambos os autores – Krenak e Winnicott – apontam para uma mesma saída: o reconhecimento.

Olhando para a história e os noticiários, constatamos que a humanidade tem um histórico de crises e quedas. A resposta, sob a ótica de Winnicott, é que o colapso, ou a “queda”, foi vivenciado, mas não foi verdadeiramente experienciado. Ou seja, passamos por essas crises, mas não estávamos conscientes de nós mesmos como seres inteiros para experienciá-las. Por isso, a temida queda que nos espreita no futuro é, na verdade, o medo de uma experiência que já se repetiu, mas que nunca foi conscientizada ou integrada. Gondar (2017, p. 215) descreve o reconhecimento como a necessidade vital que possui todo indivíduo de ser visto, ouvido, aprovado e respeitado pelas pessoas que o cercam. Pensado dessa forma, podemos dizer que o reconhecimento adentra, portanto, no campo do coletivo.

Ser reconhecido é uma experiência pela qual não podemos passar sozinhos, precisamos do outro para que seja possível. Axel Honneth (1992) aborda o tema do reconhecimento de um ponto de vista que particularmente nos interessa aqui. Para o filósofo alemão é a partir de um ataque à identidade pessoal ou coletiva que emerge uma ação na direção de restaurar relações de reconhecimento mútuo. Assim, chegamos ao ponto do reconhecimento como ponte e condição fundamental para que uma vivência de violência vire experiência. E é desse caminho que tentamos dar conta no trabalho que se segue.

## Fundamentação teórica

Em suas recentes obras, mais exatamente *Ideias para Adiar o fim do mundo, Futuro ancestral, A vida não é útil e O amanhã não está à venda*, o líder e ativista indígena Ailton Krenak aborda a angustiante ideia de abismo/queda, questionando uma visão de uma humanidade separada da natureza. O autor argumenta que essa separação nos impede de reconhecer a diversidade da vida, e nos convoca para o tema central do nosso tempo: a crítica ao antropoceno. De forma, pode-se assim dizer, pedagógica e generosa, Krenak usa o Rio Doce, que ele se refere como seu avô, como um caminho para tentar nos conectar com sua cosmovisão. Ao dar um rosto ao rio, ele o transforma em um ser político, uma ideia que se alinha com o pensamento de Giorgio Agamben. Para o filósofo italiano dar rosto a algo é um ato político. E aponta para o paradoxo de nossa época em que somos levados a ignorar nossos próprios rostos e o mundo em colapso ao nosso redor, pois também fazemos parte dessa ruína.

Usando de exemplo da Guerra Fria, momento em que o mundo fora dividido em dois lados, Krenak nos aponta que já caímos no abismo que tanto tememos. O medo que sentimos é, na verdade, uma fuga da realidade do nossa queda. Com Winnicott, podemos então ter que a pergunta de Krenak - Por que então temos tanto medo assim da queda se a gente não fez nada nas outras eras senão cair? - sugere que a humanidade tem um histórico de colapsos que foram vividos, mas não foram experienciados. Como Agamben nos diz manipulamos a memória para criar uma falsa sensação de que a casa está intacta, quando na verdade restam apenas escombros. Para ilustrar usamos dois fatos históricos sobre os quais trabalharemos.

O primeiro o golpe civil militar de 1964, no Brasil, que até os dias de hoje, permanece sendo um evento de turbulenta ruptura entre dois campos discursivos (Ponsoni, Bonani, 2017). Para os autores, se queremos compreender as narrativas sobre o episódio de 1964, é necessário entender a formação do processo discursivo. A ideia de “revolução” prevalece em grupos sociais “vencedores”, sem silenciar a ideia com que se identifica os grupos que compreendem o acontecimento – e os processos históricos - no sentido de um golpe. Olhando além da existência de lutas ideológicas, pelo processo mesmo de inscrição da memória na narrativa do episódio, um abismo entre as narrativas permanece.

O segundo exemplo apresentado por Krenak, sobre o rompimento da Barragem do Fundão (Mariana, Minas Gerais). O povo Krenak, ao se recusar a deixar o local do desastre, escolheu "estar no abismo" para produzir uma resposta consciente, e não apenas sobreviver. Experienciar a catástrofe exige reconhecimento do abismo, da violência sofrida, somente assim é possível produzir uma nova saída. Usando esse exemplo, Krenak nos convoca a reconhecer o abismo em que estamos, os abismos em que já caímos. Sendo o Antropoceno o mais importante deles. Reconhecer natureza como um ente, uma existência e não como recurso. Uma existência de que dependemos reciprocamente somente assim deixaremos de marchar na direção do abismo. Essa é tarefa, onde propomos o encontro entre a filosofia e a psicanálise de Donald Winnicott.

Donald Winnicott, psicanalista e pediatra, é conhecido por suas contribuições à Teoria das relações de objeto, que estuda as primeiras interações afetivas entre o bebê e seu cuidador. Seus conceitos principais incluem o caminho do bebê da dependência absoluta à independência, em que enfatiza que a independência nunca é absoluta; o conceito de não-integração e integração; a personalização, descrita também como organização da trama psicossomática, ou quando o corpo se torna o lugar de residência do

self; a noção de mãe dedicada comum, que aparece junto às noções de holding, handling, apresentação do objeto e continuidade de cuidados maternos e, por fim, a noção de imposição e trauma, sendo esse relacionado à ameaça de aniquilamento. Essa última sendo a que mais nos interessa aqui, que o autor elabora em um texto chamado medo do colapso. O autor inglês argumenta que esse medo não se refere a um evento futuro, mas a um evento que ocorreu em um momento em que um "eu" ainda não está integrado. Dessa forma, o colapso, mesmo tendo acontecido no passado, continua a ser vivenciado no presente. A pessoa portanto, teme encontrar (ao mesmo tempo em que busca compulsivamente) no futuro o evento que vivenciou, mas não experienciou, no passado. A menos que haja reconhecimento que o colapso já aconteceu, ele continuará a temer encontrá-lo.

Aqui o psicanalista inglês da década de 1960 encontra o líder e ativista indígena dos tempos atuais. À pergunta de Krenak, "Por que temos tanto medo da queda se só fizemos cair?", com Winnicott, podemos responder: vivenciamos crises e quedas, mas não as experienciamos. A queda temida é, na verdade, a busca por uma vivência que repetimos, porque nunca reconhecemos. Voltando ao primeiro exemplo que demos acima, o golpe civil militar de 1964 no Brasil, a disputa sobre se o evento foi um "golpe" ou uma "revolução" impede que a sociedade o reconheça e o integre como uma experiência coletiva. Assim, a violência que vivemos no passado se torna um medo (e uma busca) de que possa acontecer novamente no futuro, em um ciclo de repetição compulsiva. A saída, para Winnicott, é o reconhecimento e então a possibilidade de aceitação da "estranha verdade" de que o evento já aconteceu.

"Voar sobre o que foi vivido. Há ainda ramos e flores no passado. E deles ainda se pode fazer mel", nas palavras de Agamben podemos ter a esperança de que o passado, mesmo o mais doloroso, pode ser transformado em algo produtivo, mas ressalta que essa transformação não pode ser feita sozinho. Voltando então ao segundo exemplo que usamos, é nesse ponto que a perspectiva de Ailton Krenak se torna crucial. Ele fala a partir de um lugar de experiência, não apenas de sobrevivência. Há quinhentos anos os povos indígenas resistem e expende a sua subjetividade, ao contrário dos brancos não sabem lidar com as próprias catástrofes. Desse lugar da experiência, Krenak nos convida a usar a criatividade e criar "paraquedas coloridos", e novamente é Winnicott que nos ajuda a compreender essa nossa impossibilidade. Para o psicanalista inglês, a capacidade criativa pode ser inibida se a vivência não se transformar em experiência, e essa transformação depende do reconhecimento.

O reconhecimento, como descreve Jô Gondar, é a necessidade vital de ser visto, ouvido e respeitado pelo outro, sendo, portanto, um processo coletivo. Axel Honneth (1992) aborda o tema do reconhecimento de um ponto de vista que particularmente nos interessa aqui. Para o filósofo alemão é a partir de um ataque à identidade pessoal ou coletiva que emerge uma ação na direção de restaurar relações de reconhecimento mútuo. A ideia de um ataque como ponto de partida para o reconhecimento é bastante interessante, e nos leva novamente a Winnicott. Para o psicanalista, a agressividade infantil é um componente saudável do desenvolvimento. É através da destruição simbólica do objeto (a mãe ou o cuidador) que a criança testa a sua própria realidade e a do outro. Para que esse processo seja bem-sucedido, é fundamental que o cuidador "sobreviva" aos ataques da criança sem retaliar. Essa resistência do ambiente permite que a criança perceba que o outro é uma realidade separada dela. Assim, temos que é a partir da agressividade que se forma o reconhecimento mútuo. A capacidade da mãe de não ser destruída simbolicamente ensina à criança a confiança necessária para se sentir segura. Isso leva à capacidade de estar só — um sinal de maturidade emocional, que paradoxalmente só pode ser alcançado na presença de um outro confiável. Essa capacidade é, para Winnicott, a base da amizade e da criatividade, pois permite que o indivíduo se entregue aos seus impulsos internos sem o medo de ser abandonado.

A ausência de reconhecimento pode aprisionar uma vivência no passado, impedindo-a de se tornar uma experiência que possa ser integrada. A impossibilidade de reconhecimento em um evento como o golpe civil militar de 1964 impede a sociedade de deixar o evento no passado. O evento permanece como uma vivência sem ser

experienciado, transformando-se em um abismo que assombra o futuro.

### **Desenvolvimento do tema**

Os textos discutidos traçam uma jornada conceitual que une psicanálise, filosofia de e cosmovisão indígena, todos convergindo para a compreensão do conceito de abismo e a importância do reconhecimento. A trajetória começa com a crítica de Krenak à nossa separação da natureza e à crença na superioridade humana, o que nos empurra a passos largos para um abismo, de que nos ocupamos ao longo do trabalho. Ao nos convocar a questionar o Antropoceno, Krenak nos mostra que a queda não é uma ameaça futura, mas uma realidade que já estamos vivendo, como evidenciado em desastres ambientais e crises políticas. Krenak alerta ao dizer que nossa época se especializou em criar ausências: perdemos o sentido de viver em comunidade e a capacidade de realmente experimentar a vida.

A partir desse ponto, analisamos com a filosofia, como a política moderna, ao manipular a memória e o "rostro" humano, nos impede de confrontar nossa própria ruína. A busca pelo poder e o controle da narrativa criam uma lacuna de comunicação, um vazio no qual a essência humana se perde.

A psicanálise de Winnicott fornece a chave de leitura para entender por que essa lacuna existe. O medo do colapso, segundo ele, é o medo de um trauma que já aconteceu no passado, mas que não foi integrado ao nosso "eu". Para Winnicott, a cura, ou uma tentativa de restauração, só são possíveis pelo trabalho de rememoração, um processo que exige reconhecer o evento para que ele possa ser, finalmente, experienciado e finalmente colocado no passado.

A síntese desses pensamentos nos coloca uma perspectiva interdisciplinar, do nosso ponto de vista, interessante. Krenak nos aponta o abismo social e ambiental, Agamben nos ajuda a entender a dinâmica política que nos cega para ele, e Winnicott oferece uma chave psicológica para decifrar a nossa dificuldade em reconhecer e processar as nossas próprias quedas. A contribuição conjunta desses autores nos mostra que a única forma de adiar o fim do mundo é por intermédio do reconhecimento — do outro, da diversidade e do nosso passado.

### **Considerações finais**

Fazendo trabalhar as ideias de Ailton Krenak à luz da filosofia e da psicanálise, consideramos que para enfrentarmos o abismo em que nos encontramos, é fundamental que a vivência se transforme em experiência, sendo o ponto de transição entre esses dois estados é o reconhecimento.

Vivenciamos, há tempos, uma série de catástrofes, sejam elas ambientais, políticas ou sociais. O rompimento da barragem de Mariana, em 2015, por exemplo, foi uma vivência violenta para a população afetada e para o país. No entanto, o relato de Krenak sobre a recusa de seu povo em abandonar a área devastada nos mostra que a atitude de permanecer no "lugar do flagelo" é o que permite a transformação da vivência em experiência. Ao ficar, eles se apropriaram conscientemente da catástrofe, em vez de apenas sobreviverem a ela. Essa atitude de reconhecer a violência sofrida como parte de sua vida é o que permitiu que os indígenas resistissem a 500 anos de violências e expandissem sua subjetividade.

Por outro lado, o golpe civil militar de 1964 no Brasil, permanece como uma ferida aberta na memória coletiva. A disputa discursiva sobre o evento, se foi "golpe" ou "revolução", demonstra a falta de reconhecimento mútuo. Como aponta Winnicott, a não integração de um evento passado impede que ele vire experiência, fazendo com que o medo de que ele se repita assombre o presente. Enquanto a vivência não for reconhecida, ela não pode ser experienciada, ficando aprisionada em um ciclo de repetição compulsiva.

Assim, o reconhecimento emerge como uma força curativa e política. A capacidade

de reconhecer o outro em sua diversidade, a história em sua complexidade e a natureza em sua interdependência é a única forma de sairmos do abismo. O convite de Krenak para construirmos "paraquedas coloridos" só pode ser atendido se tivermos coragem de primeiro reconhecer a queda, de olhar para os escombros e admitir que eles são parte de nós. As prováveis janelas de saída não está em esquecer, mas em lembrar de forma consciente e crítica, em transformar o vivido no experienciado para que possamos, finalmente, construir um futuro menos assombrado pelo passado.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fim**: notas sobre a política. São Paulo: Autêntica, 2015.
- AGAMBEN, Giorgio. **Quando a casa queima**. Belo Horizonte: Âyiné, 2021.
- BELO, Fábio. **Entre cuidado e sedução**: diálogos entre Winnicott e Laplanche. Belo Horizonte, 2012.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Tradução de Luiz Repa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.
- KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- PONSONI, Samuel; BONANI, Tamires. **A narrativa do acontecimento de abril de 1964: golpe ou revolução?** Revista ALED, v. 17, n. 1, p. 77-90, 2017.
- PROJETO RIO DOCE. **O desastre**. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <https://projetoriODOCE.fgv.br/o-desastre>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- SCHUELER, Eliana; GONDAR, Jô. **Com Ferenczi**: clínica, subjetivação, política. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- WINNICOTT, Donald. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Tradução de Davy Bogomolctz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- WINNICOTT, Donald. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- WINNICOTT, Donald. O medo do colapso (Breakdown). In: WINNICOTT, C. (org.). **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.